

Narrar a glória de Deus

A narrativa em Êxodo 13,17-14,31

Telling the Glory of God The narrative in Exodus 13,17-14,31

*André Wénin**

Resumo: Este artigo procura mostrar como a dimensão da narrativa está presente na perícope de Ex 13,17-14,31, demonstrando também a utilização de técnicas de literatura de ficção na elaboração de uma teologia narrativa. Nesse estudo da trama, percebe-se que ela é organizada de maneira a mostrar que a presença ativa de Adonai é decisiva para cada momento crucial dos acontecimentos e que os fatos que aconteceram “na sua aparente ausência” por parte dos protagonistas humanos, não têm influência alguma sobre a sequência das ações. Enfim, para que o leitor possa ter a clareza sobre a importância desse episódio e, sobre a efetiva atuação de Adonai nessa narrativa, o narrador constantemente afirma a absoluta onisciência divina em detrimento dos demais personagens humanos.

Palavras-chave: Êxodo, Episódio, Literatura de ficção, Teologia narrativa.

Abstract: This article seeks to show how the narrative dimension is present in the passage of Ex 13.17 to 14.31, also demonstrating the use of techniques of literary fiction in crafting a narrative theology. In this study the plot, one realizes that it is organized in a way to show that the active presence of Adonai is decisive for each pivotal moment of the events and the events that happened “in its apparent absence” by the human protagonists, have something about the sequence of actions influence. Anyway, so the reader can have clarity about the importance of this episode and on the activeness of Adonai in this

* Da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. B-1348 Louvain-la-Neuve.

narrative, the narrator constantly affirms the absolute divine omniscience at the expense of other human characters.

Keywords: Exodus, Episode, Literary fiction, Narrative theology.

Introdução

Quando se trata de mostrar o agir de Deus, a narrativa raramente é tão explícita como no episódio do milagre do mar. Essa perícópe é um cenário importante para observar como as técnicas relativas à literatura de ficção são utilizadas na elaboração de uma teologia narrativa na qual é apresentada a figura de Adonai como um Deus que intervém com domínio nos acontecimentos humanos e, assim, manifesta sua “glória”. Isto é, a maneira como Ele coloca toda sua força e/ou poder no cerne da história humana.¹

Com base nessa narrativa, este estudo considera o texto de Ex 13,17-14,31 em sincronia com estudos de princípios básicos da narratologia. Uma vez a história delimitada e localizada dentro do contexto geral do livro de Êxodo, sua trama será analisada para mostrar como a seleção dos acontecimentos narrados e a forma de organizá-los são coordenadas para enfocar a ação divina.

Em seguida, é a evolução da tensão narrativa que será discutida com sagacidade, especialmente a trama que alimenta o interesse do leitor até o desfecho. Finalmente, há de analisar uma metodologia constantemente usada na narrativa, que consiste em proporcionar ao leitor um caráter privilegiado, dando-lhe acesso a um conhecimento amplo que lhe permita observar a essência divina, seus objetivos e

¹ Esse artigo é uma tradução do capítulo X do livro coletivo organizado por Y. MATHIEU C. DIONNE, *Raconter Deus. Entre histoire, récit et théologie* (Coll. Le livre et le rouleau n. XX), em Bruxelles, Lessius, 2013, p. XX-XX. Trata-se dos trabalhos do Simpósio da Rede de Pesquisa em Narratologia Bíblica (RRENAB), realizada na Universidade de Saint Paul em Ottawa (Canada), de 13 a 15 de maio de 2011. O livro apresenta também as contribuições de I. Ababi (Univ. catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve), N. Bonneau (Univ. de Saint-Paul, Ottawa), Ph. Carrare (Dartmouth Univ.), D. Luciani (Univ. catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve), Fr. Mirguet (Arizona State Univ., Phoenix), A. Pasquier (Univ. Laval, Québec) e J.-P. Sonnet (Univ. Gregoriana, Rome).

seu agir. Mas, antes disso, convém ler o texto bíblico, nesse caso na tradução mais literal possível.

13 ¹⁷E aconteceu que quando Faraó deixou ir o povo, Deus não o fez partir pelo caminho da terra dos filisteus, apesar de ser mais perto; mas, Deus tinha dito: “para que o povo não se arrependa, vindo a guerra, e volte para o Egito.” ¹⁸E, Deus, então fez o povo dar a volta pelo caminho do deserto do mar dos Juncos, e em ordem (de batalha), os filhos de Israel saíram da terra do Egito. ¹⁹E, Moisés levou consigo os ossos de José, pois ele tinha jurado, havia feito jurar os filhos de Israel, dizendo: “Deus haverá de vos visitar, e então levai daqui convosco meus ossos.” ²⁰E eles partiram de Sucot, acamparam em Etam, à beira do deserto. ²¹E Adonai ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho, e de noite numa coluna de fogo para iluminá-los, para que pudessem caminhar de dia e de noite. ²²Nunca diante do povo, a coluna de nuvem não se apartou de dia, nem a coluna de fogo de noite.

14 E, Adonai falou a Moisés, dizendo: ²“Dize aos filhos de Israel, que eles regressem e acampem diante de Piariot, entre Magdol e o mar, diante de Baal-Sefon, de outro lado, vós acampareis junto ao mar. ³Então, Faraó há de dizer acerca dos filhos de Israel: “Eles erram pelo país; o deserto os encerrou.” ⁴E eu vou endurecer o coração de Faraó, e ele os perseguirá, e, serei glorificado em Faraó e em todo seu exército; e os egípcios saberão que eu sou Adonai”. E assim o fizeram. ⁵E foi anunciado ao rei do Egito que o povo havia fugido e foi transformado o coração de Faraó e dos seus servos contra o povo, e disseram: “O que nós fizemos? Sim, nós havíamos deixado Israel sair de nosso serviço!”. ⁶E, aprontou seu carro, e tomou consigo seu povo;⁷ tomou seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, e os oficiais sobre todos eles. ⁸E, Adonai endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, e este perseguiu os filhos de Israel enquanto saíam com mão erguida. ⁹E o Egito perseguiram-nos, com todos os todos cavalos e o seu exército, e os alcançaram acampados junto ao mar, perto de Piariot, diante de Baal Sefon. ¹⁰E quando Faraó se aproximou, os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis que o Egito vinha atrás deles; tiveram muito grande medo, e os filhos de Israel clamaram a Adonai. ¹¹E disseram a Moisés: “Será que é por que não há sepulturas no Egito, e por isso nos tiraste de lá para morrermos no deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito?” ¹²Não é isto que te dizíamos no Egito: “Deixa-nos, para que sirvamos o Egito, pois é melhor para nós servirmos o Egito do que morrer no deserto”?”

¹³E disse Moisés ao povo: “Não temais, permanecei firmes e vereis o que Adonai fará hoje para vos salvar; porque os egípcios, que hoje, vedes, nunca mais os tornareis a ver”. ¹⁴Adonai lutará por vós e vós ficareis tranquilos. ¹⁵E Adonai disse a Moisés: “Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que caminhem. ¹⁶E tu, levanta a tua vara, estende tua mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel caminhem em seco pelo meio do mar. ¹⁷E eu, endurecerei o coração dos egípcios para que vos sigam e serei glorificado à custa de Faraó, de todo seu exército, de seus carros e de seus cavaleiros. ¹⁸E o Egito saberá que eu sou Adonai, quando serei glorificado à custa de Faraó, de seus carros e de seus cavaleiros”. ¹⁹Então o anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou e passou para trás deles. Também a coluna de nuvem se retirou de diante deles e se pôs atrás, ²⁰ficando entre o acampamento dos egípcios e o acampamento de Israel. A nuvem era tenebrosa, e a noite passou sem que um pudesse se aproximar do outro durante toda a noite. ²¹Então Moisés estendeu a mão sobre o mar. E Adonai, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez o mar se retirar. Este se transformou em terra seca, e as águas foram divididas. ²²E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco, e as águas formaram um muro à sua direita e à sua esquerda. ²³E o Egito que o perseguia entrou atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do mar. ²⁴E na vigília da manhã, Adonai, da coluna de fogo e da nuvem, viu o acampamento dos egípcios e lançou a confusão no acampamento do Egito. ²⁵Ele emperrou as rodas dos seus carros, e fê-los andar com dificuldade. Então, os egípcios disseram: “Vamos fugir da presença de Israel, porque Adonai está combatendo por eles contra o Egito”. ²⁶E Adonai disse a Moisés: “Estende tua mão sobre o mar para que as águas se voltem contra o Egito, sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros”. ²⁷E Moisés estendeu a mão sobre o mar e este, ao romper da manhã, voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram de encontro a ele. E Adonai derrubou os egípcios no meio do mar. ²⁸As águas voltaram e cobriram os carros e os seus cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; e não escapou um só deles. ²⁹Os filhos de Israel, porém, caminharam pelo meio do mar em seco; e as águas eram para eles como um muro à sua direita e à sua esquerda. ³⁰Naquele dia, Adonai salvou Israel das mãos do Egito e Israel viu os egípcios mortos à beira-mar. ³¹E Israel viu a façanha realizada por Adonai contra o Egito. E os filhos de Israel temeram a Adonai, e creram em Adonai e em Moisés, seu servo.

15 ¹ Então, Moisés e os filhos de Israel entoaram este canto a Adonai, dizendo: “Cantarei a Adonai, porque se vestiu de glória; ele lançou cavalo e cavaleiro no mar...”.

Contexto e delimitação do episódio

É bem conhecida essa famosa página matriz de todos os textos bíblicos acerca da salvação. Esse texto é muitas vezes situado fora de seu contexto original, isto é, no final da longa narrativa que começa no Ex 1 com a escravidão e opressão que um Faraó impôs aos descendentes de Jacó e seus filhos cujo número se tornava poderoso, a ponto que o Egito ficou com medo deles.

O clamor dos filhos de Israel fez Adonai entrar em cena, e este enviou Moisés para libertá-los. Mas, esse último enfrentará uma recusa categórica do rei egípcio, que diz: “não conheço Adonai e tampouco não deixarei partir Israel”; esse povo que Deus considera seu “filho” (cf. Ex 5,1-2).

Após as tentativas de Moisés resultar no fortalecimento da opressão e na desesperança de Israel, Adonai solicita mais uma vez Moisés para um confronto decisivo com um duplo desafio: libertar os filhos de Israel, mesmo que esses não aceitem (cf. Ex 6,1-9); e se fazer conhecer do faraó e do Egito, ainda que eles se oponham (cf. Ex 6,10-11.28-30; 7,3-5). A obstinação cada vez mais teimosa do rei gera uma longa série de pragas que ocasiona o consentimento dos filhos de Israel com a libertação proposta por Adonai, enquanto o Faraó e seu povo pedem a Israel para deixar o país (cf. Ex 12,28.31-33).

Finalmente, os três principais atores “concordam”, e Israel saiu do Egito como relata a história registrada no Ex 13,17-18:

¹⁷E aconteceu que quando Faraó deixou ir o povo, Deus não o fez partir pelo caminho da terra dos filisteus, apesar de ser mais perto; mas, Deus tinha dito: “para que o povo não se arrependa, vindo a guerra, e volte para o Egito”. ¹⁸E, Deus, então fez o povo dar a volta pelo caminho do deserto do mar dos Juncos, e em ordem (de batalha), os filhos de Israel saíram da terra do Egito.

Estes versículos constituem o início da sequência narrativa que conduzirá a reflexão nessas páginas.² De fato, nos v. 13.17 como mostra o hífen massorético – a história segue seu curso, sintetizando o essencial dos acontecimentos relatados acima e cuja narrativa estava intimamente associado com as práticas rituais para a comemoração da saída Egito³ – as últimas são descritas em Ex 13,1-16 (consagração dos primogênitos e o ritual dos pães ázimos).

O final do episódio se encontra em Ex 15.21.⁴ No entanto, é inegável ressaltar que Ex 14,30-31 constitui um epílogo. Nessa perícopa, estão resumidos os fatos narrados acima com relação aos três atores em cena: Adonai salvou os filhos de Israel, Israel assiste à derrota do agressor egípcio e à façanha do seu Deus, enquanto o Egito experimenta a morte e a desolação, e por fim o mar acalmou-se (v. 30-31a). Em seguida, registrou-se a reação final do beneficiário (os filhos de Israel) da ação salvadora em relação a Adonai, e em relação ao seu mensageiro ou intermediário, Moisés (v. 31b).

O capítulo 15 apresenta essencialmente o desdobramento lírico do “medo” e da “é” de Israel narrado em 14,31. Assim, é ressaltada a importância dos acontecimentos do ponto de vista de Moisés e dos

² Bem que estude somente o Ex 14,1-31, JL SKA, *Le passage de la mer. Étude de la construction, du style et de la symbolique* d'Ex 14,1-31 (109 AnBib), Rome, Biblical Institute Press, 1986, observa-se que “esses versículos [...] buscam sondar a sagacidade dos acontecimentos que se preparam e convencer o leitor que ele vai testemunhar um momento único da história de Israel”, o de “despedida definitiva e irrevogável do Egito” (p. 33), enquanto os v. 21-22 inauguram uma “nova etapa” para o povo marcado por um novo tipo de experiência da presença divina, a nuvem (p. 35-36). Não se entende por que ele nem sequer analisou a possibilidade de integração de 13,17-22 no episódio a estudar, aderindo à norma das três unidades de tempo, de lugar e de ação. Veja a escolha oposta de B.S. Childs, *Exodus. A Commentary* (Old Testament Library), London, SCM Press, 1974, p. 224-225, de C. HOUTMAN, *Exodus. Vol. 2: Chapters 7:14-19:25* (Historical Commentary on the Old Testament), Kampen, Kok Publishing House, 1996, p. 225 e de G. FISCHER & D. MARKL, *Das Buch Exodus* (Neuer Stuttgarter Kommentar Altes Testament 2), Stuttgart, Verlag Katholisches Bibelwerk, 2009, p. 151.

³ O tema da “saída” está muito presente nesse texto: 13,3.4.8 b.9 (nas instruções sobre os ázimos); 14.15.16 (nas instruções para a redenção dos primogênitos). Nota-se também uma ênfase na realização dessa saída, a terra Prometida: 13,5 e 11. Nesse sentido veja a explicação de 13,17 em relação à mudança repentina imposta por Adonai.

⁴ Veja C. MEYERS, *Exodus* (The New Cambridge Bible Commentary), Cambridge University Press, 2005, p. 110-111, e W. VOGELS, *Moïse aux multiples visages. De l'Exode au Deutéronome* (Leia Bíblia 114), Paris, Cerf, 1998, p. 156, bem como os argumentos de SKA, *Le passage de la mer*, p. 22-23 que propõe a possibilidade delimitar em 14,31 (p. 23-24).

filhos de Israel (15,1-18), e, além disso, uma breve recordação da proeza divina (v. 19) feita por Myriam e pelas mulheres (v. 20-21). Portanto, ao analisar essa narrativa, é preciso contemplar o epílogo em 14,30-31, embora tenha sido sujeito a uma ampliação significativa.⁵

A trama e a centralidade do personagem divino

A apresentação da narrativa descreve a saída de Israel conforme a rota decidida por Adonai (13,17-18), o término da estada no Egito (v. 19) e relatados no sumário, os primeiros passos do povo (v 20-22). Nessa passagem, observa-se a onipresença de Adonai que conduz o povo depois de “visitá-lo”, como assinala o flash-back no qual estão lembradas as últimas palavras de José anunciando a intervenção divina (cf. Gn 50,25). Também, o momento para desencadear a ação que inicia a tensão da narrativa na forma de suspense. Isto é, o discurso onde Adonai revela a Moisés seu projeto de glorificação e autorrevelação diante o Egito (14,1-4).

Nos dois primeiros momentos de conflito (v. 5-9 e 10-14), Adonai dá a impressão de bater em retirada. A narração abre espaço para a reação dos protagonistas humanos após o discurso e a ação divinos: aguilhoado por Adonai, Faraó lançou-se com seu exército em busca de Israel (v. 5-9). Ao vê-los aproximar-se, Israel apavorou-se e lamentou-se, expressando seu arrependimento por ter deixado o Egito. Moisés, então convida o povo à confiança, e busca incentivá-lo a acreditar no futuro que a providência de Adonai concretizará (v. 10-14).

O desenvolvimento da tensão dentro da narração descreve como Israel ao sentir-se ameaçado, estava prestes a voltar nos braços de seu antigo mestre; enquanto no terceiro momento do conflito, o narrador mostra como Adonai com a mão forte retoma o curso dos acontecimentos, dando novas ordens a Moisés em vista de fazer caminhar o povo “pelo meio do mar”, uma que o agressor egípcio lançou-se na perseguição (v. 15-23).

⁵ Para argumentar sobre essa posição, veja CHILDS, *Exodus*, p. 248-249 (que separa o estudo de Ex 15:1-21) e SKA, *Le passage de la mer*, p. 23-24.

A ação decisiva⁶ consistia numa série de intervenções descritas de forma explícita ou implícita atribuídas a Adonai à custa do exército egípcio: Ele observa, sabota, derrota (v. 24-25a), provocando a fuga dos agressores que enfrentarão o retorno das ondas uma vez que ordena a Moisés de estender a mão sobre o mar, para que as águas se voltem contra os egípcios (v. 25b-27a).

Essa ação de Adonai (Ele “dizimou o Egito no meio do mar”) soluciona categoricamente o problema: a derrota total do exército de Faraó (v. 27b-28) e a salvação de Israel “que caminhou pelo meio do mar em seco, enquanto as águas formaram como uma muralha à sua direita e à sua esquerda”(v. 29). Nessas circunstâncias, é preciso observar que o epílogo é muito focado na façanha salvadora de Adonai (v. 30a.31a) e, no conhecimento de Israel sobre o poder libertador de Adonai. Isto é, de agora em diante, Israel tem consciência tanto pelo medo como pela fé, da proeza realizada por Deus e pelo seu servo Moisés contra os egípcios (v. 30b.31b).

No mais, convém observar que: os elementos da narrativa são selecionados e organizados para destacar nitidamente a ação de Adonai a cada momento crucial dos acontecimentos. Esse aspecto deixa em segundo plano o protagonismo dos personagens humanos da narração: por primeiro os egípcios, antes de perecer no mar (v. 25b: “O Egito e disse:” é Adonai que está lutando por eles contra o Egito”), em seguida, Israel, uma vez salvo (v. 31a: “Israel viu que Adonai tinha conseguido a façanha contra o Egito”). Em outras palavras, a intriga é arranjada de modo que a narrativa seja a de uma proeza libertadora, inteiramente realizada pela “poderosa mão” de Deus (v. 31a).

Portanto, no decorrer da própria narrativa, o leitor observa de modo pleno a “glória” de Adonai (v. 4.17.18) – enquanto os personagens humanos percebem isso simplesmente quando a trama é encerrada (cf. 15,1-18).

Na tentativa de proporcionar ao leitor uma clara visão da decisiva ingerência de Adonai nos acontecimentos, a narrativa atribui lhe um

⁶ Esse assunto decisivo é marcado na sintaxe v. 24, pela referência a um tempo específico introduzido pelo *wayhi* (como mostra o episódio em si 13,17): “E antes do amanhecer...”. Tal momento que precede uma situação e uma ação que acontecem “a noite inteira” (v. 20b e 21), testemunha o início de uma luta que termina “na alvorada” (v. 27a).

imenso conhecimento por meio de palavras, seja por um monólogo interior (13,17 b)⁷ ou ainda quando o próprio Deus fala diretamente a Moisés, sinônimo de relacionamento pessoal (14,2-4, 15-18 e 26). De fato, quase todos os discursos desse episódio – inclusive aqueles que são feitos pelos personagens humanos – mostram uma característica comum: eles antecipam o rumo da narração.⁸ Esse aspecto é comprovado pela trama do episódio.

Assim, os acontecimentos são as testemunhas da verificação das palavras faladas pelos personagens, especialmente por Adonai, que em seus três primeiros discursos (13,17-18, 14,2 – 4 e 15-18) dá a Moisés e a Israel ordens a serem executadas, anuncia sua atuação e antecipa as reações de Faraó e dos egípcios. Dessa forma, a tensão narrativa está relacionada com a questão de saber se, Deus é capaz de cumprir suas promessas, ou seja, se o que Ele diz se realizará.

No seu monólogo (13,17) nota-se que Deus diz temer a reação de desistência de Israel a ponto de precaver-se (v. 17-18⁹). Mas, mesmo assim, essa tentativa de abdicação dos filhos de Israel se fez presente quando esses foram perseguidos pelos egípcios (14,10-12). No mais, enquanto Moisés não tinha domínio sobre os acontecimentos, o narrador faz sugerir que as palavras com as quais ele tenta tranquilizar os filhos de Israel (14,13-14) são concretizadas no fim da história: na ação decisiva (v. 25b), colocando na boca dos egípcios uma afirmação que confirma a palavra de Moisés, segundo a qual “é Adonai que

⁷ Em relação a esse assunto, veja F. MIRGUET, *La représentation du divin dans les récits du Pentateuque. Mediations syntaxiques et narratives* (VTS 123), Leiden / Boston, Brill, 2009, p. 62-65.

⁸ Apenas algumas palavras dos egípcios no 14,5 b não focalizam o futuro, embora, seja de forma elíptica, o arrependimento que eles manifestam antecipa as ações futuras. As palavras dos israelitas no 14,11-12, por contemplarem principalmente voltada o passado, não menos representam uma antecipação do futuro, uma vez que o povo focaliza um cenário para o futuro: ele vai “morrer no deserto” (2 vezes: v. 10 e 11). Em relação à retrospectiva dos egípcios no 14,25 b, ela também extensa, pois a batalha de Adonai termina apenas no v. 26-28.

⁹ O medo é claramente expressa pela introdução das palavras (*pèn...* “para que”), confere J.I DURHAM, *Exodus* (Word Biblical Commentary 3) Waco TX, Word Books, 1987, p. 183. B. JACOB, *The second Book of the Bible. Exodus*, Hoboken NJ, Ktav Publishing House, 1992 (original allemand 1940), 378 por sua vez fala de atitude preventiva.

combaterá por vós” (v. 14); e no epílogo, ele faz perceber o cumprimento do anúncio no v 13:¹⁰

Ex 14,13	Ex 14,30-31
Moisés disse ao povo: “Não tenhais!”.	31b E o povo temeu a Adonai (31b)
Vereis o que Adonai fará hoje para vos salvar	30a E naquele dia, Adonai salvou Israel 31a E Israel viu a façanha realizada por Adonai
“Vós vistes o Egito hoje, nunca mais os tornareis a ver...”	30b E Israel viu o Egito morto à beira-mar.

Convém ressaltar que essa opção narrativa que consiste em antecipar o resultado da ação numa afirmação (a priori não verificável) de Moisés tem como finalidade destacar a intervenção essencial de Adonai nesse episódio, tanto ela justifica o desfecho: a fé de Israel não somente em Adonai, mas também “em Moisés, seu servo” (v. 31b).

A sequência dentro da tensão narrativa

Se o agir de Adonai é determinante na medida em que realiza o que Ele disse, é preciso observar que há certa tensão presente na narrativa, mesmo porque os atores humanos têm um aspecto imprevisível. Afinal, isso parece ser a essência, o agir de Deus.

A narração começa com a descrição de como Adonai percebe uma eventual dificuldade: a perspectiva de um confronto com os filisteus poderia levar os israelitas se arrepender por terem deixado o Egito e, suscitar neles o desejo do retorno. Por isso, Deus toma imediatamente

¹⁰ A respeito, veja SKA, *Le passage de la mer*, p. 79 et 117-118 (veja também a tabela I, p. 179). Para mudar o “medo” dos v. 10 e 13 ao v. 31, veja também p. 136-143. Além disso, veja por exemplo, VOGELS *Moïse*, p. 165.

a iniciativa prevenindo esse perigo, ao evitar o caminho mais simples. É preciso, analisar o estilo do narrador.

De início, ele apresenta o monólogo interior de Deus, coloca o leitor numa posição privilegiada ao povo, que não ignore o aparente medo que motiva Deus na escolha do caminho a ser seguido. Mesmo que o povo esteja sob pressão – como evidenciam sua caminhada dia e noite (13,21-22) e a proteção feita por Adonai – a tensão é quase inexistente para o leitor que vê Israel afastar-se rapidamente do Egito. Também, a presença permanente da coluna de nuvem e de fogo, bem como a caminhada do povo conduzido pelo próprio Adonai são elementos tranquilizadores quanto ao destino do povo, mesmo que esse último adentrasse no deserto.

Nessas condições, o desenvolvimento dos acontecimentos é bastante inesperado: Adonai anuncia a Moisés um projeto completamente diferente. Por primeiro, Ele ordena a Moisés (v. 2) dizer aos israelitas de “voltar” (shwb), ou seja, de retroceder, uma vez que, é precisamente esse “retrocesso” que Ele temia (13,17b). Ele que impeliu o povo para caminhar incansavelmente, dessa vez exigiu para que Israel acampasse perto do mar.¹¹

Para o leitor, a surpresa é grande.¹² O que significa essa mudança repentina de Adonai que parece manifestar um apreço exclusivo pelo povo fazendo o desvincular – se do Egito?¹³ Isso representaria a sua incoerência?

No entanto, as diretrizes que Ele dá sobre o lugar onde Israel deve acampar (“diante de Piariot, entre Magdol e o mar, diante de Baal-Sefon, diante deste lugar, junto ao mar”),¹⁴ são de suscitar a intriga e a suspeita no leitor: essa injunção não assemelharia a uma estratégia

¹¹ FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 153, sublinham a dupla ruptura: o retroceder e a parada da caminhada que leva Israel longe do Egito.

¹² Conforme as categorias de R. BARONI, *La tension narrative. Suspense, curiosité et surprise* (Poétique), Paris, Seuil, 2007, p. 303-304, trate-se de uma “surpresa simples onde a trama se desenvolve e consiste em tirar a ação de seu curso previsível” (p. 297). Em relação à surpresa do leitor a essa altura da narrativa veja também HOUTMAN, *Exodus*. Vol. 2, p. 225.

¹³ Veja SKA, cf. nota 1 acima.

¹⁴ A localização da narrativa é difícil a determinar, apesar das pesquisas dos especialistas: veja Durham, *Exodus*, p. 186. Para consultar um resumo a esse respeito, veja C. Houtman, *Exodus*. Vol. 1, Kampen, Kok Publishing House, 1993, p. 105-106 (Baal-Çefôn), p. 109-110

deliberada? Logo a continuação do discurso divino o confirma: para Ele, o “retroceder” do povo vai persuadir o Faraó que acreditará que o mesmo estava perdido. Em seguida, “endurecerá seu coração”, isto é, seu desejo de se lançar em perseguição.¹⁵ Mais uma surpresa: quando Deus disse querer impedir que o povo se apavore na perspectiva de uma guerra com os filisteus (13,17a), eis que Ele próprio instiga o rei à caça, o que inevitavelmente causará um confronto desigual.

Afinal, qual seria a finalidade em fazer correr tal perigo para o povo que acaba de ser libertado? A curiosidade do leitor é provocada, uma vez que esse estaria se perguntando sobre as reais intenções de Adonai. Imediatamente vem a resposta, quando Adonai faz conhecer sua dupla intenção: ser “glorificado em Faraó e todo o seu exército”, e finalmente levar o Egito a (re) conhecê-lo (v. 4). Em relação a esse (re) conhecimento, convém lembrar que o Faraó tinha manifestado sua recusa no primeiro encontro com Moisés (5,2b: “Não conheço Adonai e tampouco deixarei Israel partir”). Assim, antes do início da sequência das pragas, o propósito declarado de Adonai¹⁶ é de se fazer conhecer aos egípcios. Imagina-se que aos olhos de Deus, esse projeto não teve êxito, pois, para atingir esse objetivo, Ele expõe Israel à guerra. Enfim, o leitor pergunta-se sobre o desfecho dos acontecimentos. Dessa forma, aventura-se para a realidade de suspense.

Tanto para Moisés como para o povo o cumprimento das ordens divinas é imediato – uma vez que esse último desconhece o futuro (v. 4b). Todavia, o que Adonai esperava que ocorresse do lado do Egito não aconteceu. Com efeito, não foi a estratégia de fazer o povo “retroceder” que ocasionou a mobilização do exército egípcio. Mas, o

(la mer), p. 112 (Migdol) et p. 124 (Pi-Hahirôt). Ver também Jacob, *Exodus*, p. 385-390 que busca localizar o lugar da passagem pelo mar.

¹⁵ A respeito da expressão, veja a explication de SKA, *Le passage de la mer*, p. 47-60. Antes de tudo, o coração é a sede da inteligência e da vontade, é essa última que Adonai “endurece”: “Ele a incita a persistir na sua lógica de recusa” (p. 59), nesse caso, sua vontade de retomar Israel, chez FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 154-155 (“Gott [...] bewegt ihn so zur Verfolgung der vom Ihm entlassenen”). Pour JACOB, *Exodus*, p. 403, trata-se de deixar Faraó na confiança.

¹⁶ O projeto de Adonai de ser conhecido uma vez que Ele envia de novo Moisés na presença de Faraó, depois de esse ter tornado pesado a servidão ao ponto de dissuadir os israelitas a aderir ao plano de Deus e Moisés (5,21; 6,9); em resposta às objeções desse último (6,11-12,28-30) Adonai afirma que a libertação de Israel o fará conhecer aos egípcios. (7,3-5).

anúncio da fuga de Israel ao rei e aos seus ministros, os levou a tomar consciência das futuras consequências da saída dos escravos (v. 5, cf. 12,31-33; 13,17a).

Além disso, se o “coração” de Faraó, e de seus servos muda – quer dizer se eles reconsideram sua decisão de deixá-los sair – não é devido à ação de Adonai sobre o coração do rei, como foi anunciada. De fato, a narrativa não descreve nenhuma intervenção divina, seja na mudança repentina de atitude do faraó e dos egípcios,¹⁷ seja na mobilização do exército (v. 5-7) em vista da perseguição de Israel. Por fim, essa perseguição aconteceria mesmo que Adonai não tivesse, no momento da saída, influenciado a decisão do rei (“endureceu o coração”, v. 8a).¹⁸

Pois, Deus não coagiu o Faraó, que não é uma marionete em suas mãos, mas ao contrário uma pessoa que age com liberdade. Essa situação acende a crise repentinamente: porventura se Adonai não conseguisse conter Faraó e seu imponente exército do qual o narrador parece enfatizar o poder, mencionando sua composição (v. 9b)? E se os acontecimentos escapassem do domínio de Adonai, o que adviria a Israel que o rei viu sair livre de seu país,¹⁹ que acampa perto do mar, e que ignora a iminente perseguição que será desencadeada em breve contra ele (v. 9)? Outra vez Adonai impôs seu domínio a Faraó, mesmo assim, a reação desse último não é diferente do que Ele esperava. Assim, nasce uma dúvida no leitor, evidenciada pela reação dos israelitas.

Logo que o exército egípcio aproximou-se o suficiente para ser visto dos israelitas, o narrador convida o leitor a entrar na realidade

¹⁷ No v. 5, nota-se o Nifal de *hfk* de mostrando uma forma passiva cujo sujeito indireto seria Adonai (veja, por exemplo, SKA, *Le passage de la mer*, p. 53, ou DURHAM, *Exodus*, p. 191). No entanto, o texto parece evitar atribuir a Deus a mudança de decisão. Nesse sentido, por exemplo, J. G. Janzen, *Exodus* (Westminster Bible Companion), Louisville, KY, Westminster John Knox, 1997, p. 98.

¹⁸ Nota-se que a elipse nos v 5 e 6: a observação sobre a saída dos escravos é imediatamente seguida pela mobilização do exército (veja Houtman, *Exodus*. Vol. 2, p. 226). Dessa forma, é acelerado o ritmo da narrativa e comunica-se a ação acelerada dos egípcios.

¹⁹ Na segunda parte do v. 8, o ponto de vista é de Faraó que percebe a saída de Israel, veja (Ska, *Le passage de la mer*, p. 62), (P. R. ACKROYD, “yad”, *TDOT V* [1986], 393-426, p. 415; veja também HOUTMAN, *Exodus*. Vol. 1, p. 24-25).

desses, fazendo perceber sua grande surpresa ao verem os egípcios,²⁰ situação que lhes causa um enorme pânico fazendo os clamar por Adonai. Mas, esse clamor parece permanecer sem resposta. Em seguida, os israelitas, se rebelaram contra Moisés inculcando-o e criticando-o por ter conduzi-los para fora do Egito.²¹

Diante da iminente morte que represente o deserto onde o exército de cavaleiros está prestes a destruí-los, eles preferem Egito, a terra da escravidão, todavia, uma terra de morte sem violência (“Não havia talvez sepulturas no Egito?...”). Dessa forma, percebe-se que Israel buscou “regressar para o Egito”, nas palavras, pronto para retornar ao seu antigo mestre, uma vez que “é melhor para [eles] servir Egito que morrer no deserto” (v. 11-12).

Afinal, a ação de Adonai preocupado com sua autorrevelação e reconhecimento (v. 4) causa o que Ele temia ao buscar impedir isso, quando guiou os israelitas para o deserto: “que diante da guerra, eles poderiam se arrepender e voltar para o Egito” (13,17)! Pior ainda, a essa altura, os escravos libertos (“por que nos trataste assim?... Deixa-nos, para que sirvamos aos egípcios”, 14,13-14) e os antigos mestres (“que é isto que fizemos, deixando Israel sair de nosso serviço?”, v. 5) choraram de arrependimento, lembrando o passado. Não demorou muito para que ambos concordem em voltar no passado.²² O que sucederia do projeto de Adonai se Israel retornasse voluntariamente a Faraó, desistindo dessa aventura de libertação igual se desiste de um mal?

²⁰ Com sutileza, o narrador usa uma mudança de perspectiva para passar de um lado para outro, sublinhando a surpresa criada pela chegada inesperada dos egípcios para Israel: “Faraó se aproximou, e os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis (*wehinnéh*) e o Egito em perseguição deles” (v. 10a: o *wehinnéh* tem a função de mostrar o ponto de vista e surpresa). Em relação a essa característica da narrativa, veja SKA, *Le passage de la mer*, p. 62-64.

²¹ O fato de que a narrativa não registra resposta divina alguma ao clamor do povo deve ser levado em consideração. Esse silêncio explica-se, pois os israelitas não se referem a Deus na sua censura contra Moisés.

²² Essa convergência, ver essa cumplicidade objetiva, tem sido frequentemente observado pelos autores. Veja, por exemplo, CHILDS, *Exodus*, p. 225-226, que mostra cuidadosamente a correspondência entre os discursos do faraó no v. 5 e dos israelitas nos v. 11-12, ou ainda HOUTMAN, *Exodus*. Vol. 2, p. 227, e FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 157. Em seu ensaio sobre a estrutura retórica de Ex 14, R. MEYNET, *Appelés à la liberté* (retórica semita 5), Paris, Lethielleux, 2008, p. 46-47, destaca a ligação estrutural pode abordar os dois temas dos personagens.

A trama desenvolveu-se consideravelmente devido às críticas feitas por Israel a Moisés. Dessa forma, os protagonistas humanos escapam da influência da Adonai: Faraó e os egípcios não agem como esperado, mostrando-se bastante independentes em relação ao pensamento e propósito de Adonai; Israel apavorou-se e diante da ausência de resposta ao seu grito, parece estar prestes para lançar-se nos braços de seus antigos mestres. Assim sendo, tanto a estratégia definida por Adonai e comunicada a Moisés (v. 2-4), quanto o projeto de liberdade parecem correr o risco de fracasso.

Será que Adonai foi imprudente a ponto de comprometer o futuro de um povo que Ele próprio tem feito tudo para libertar? Pois, a resposta de Moisés parece patético, embora seja uma resposta de fé.²³ É preciso ressaltar que ao contrário do povo, Moisés ouviu as palavras proferidas por Adonai (14,2-4). Por conseguinte, ele procura compartilhar com os israelitas apavorados seu sentimento de confiança, buscando convidá-los a dirigir-se a para o destinatário de sua queixa: Deus, que, de acordo com Moisés, irá intervir em favor deles, salvando-os. Esses últimos, simplesmente conhecerão o agir²⁴ de Adonai, e assistirão em espectadores à total destruição dos egípcios que eles veem pela última vez.

Com efeito, Moisés não especifica como isso deve acontecer. Também, seu discurso – que, desta vez, não foi determinado por Adonai – não serviu para aliviar a crise, ao ponto que o povo não reagiu a suas palavras. Depois de confessar seu medo da morte e seu arrependimento do Egito, seu silêncio se tornou algo perturbador: será que ele iria persistir em seu desejo de “servir o Egito” de novo? O suspense é emocionante.

“E Adonai disse a Moisés: ‘Por que clamas a mim?’” (v. 15a). Ao considerar as primeiras palavras de Deus, o leitor nota o emprego de uma elipse: a narrativa não registrou o clamor de Moisés.²⁵ Será

²³ É justamente o que aponta G. Auzou, *De la servitude au service*. Etude du livre de l'Exode, Paris, Éd. de l'Orante, 1961, p. 198-199.

²⁴ O verbo “ver” (*r'h*) é empregado por três vezes por Moisés no v. 12, em oposição a “temer” (*yr*): “não temais” (*al-tira'û*), “vedes” (*re'û*).

²⁵ Nesse sentido, FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 159, afirmam que esse clamor de Moisés contribui a particularidade desse último como personagem que compartilha a

que ele clamou a Deus diante do silêncio dos israelitas, bem como à queixa desses contra ele, uma vez que não obtiveram uma resposta da parte de Adonai (v. 9-10)? Entretanto, observa-se que Deus responde à solicitação de Moisés, embora parecesse não preocupar-se com o clamor de Israel. Sua resposta começa com uma ordem energética que contradiz a fala de Moisés com relação à atitude tranquila que Israel deve adotar (v. 14): “Dize aos filhos de Israel que caminhem” (v. 15b). Deus continua seu discurso descrevendo os fatos futuros que acontecerão com cada um dos protagonistas: “E tu... e os filhos de Israel... e eu... e o Egito” (v. 16-18).

Em relação a Moisés, o leitor percebe um Adonai que persiste em apresentar seu projeto. Sem preocupar-se com a angústia e/ou desesperança do povo, Ele arquiteta uma estratégia que entra na continuação do que ele havia apresentado no início.

Por primeiro, Ele conduziu Israel para um local específico junto ao mar (v. 9, cf. v. 2.), e – ainda que isso não acontecesse como foi planejado – os egípcios perseguiram o povo e alcançaram-no onde acampava (v. 9a.10a, cf. v. 4a).

Em seguinte, trata-se de separar o mar (o mundo da morte por afundamento), de maneira a fazer entrar os israelitas pelo seu meio a seco e a instigar os egípcios persegui-los (v. 15-17a). Nota-se que, da mesma forma que na primeira vez, Adonai não revela nada sobre a estratégia a seguir, mas prefere reforçar com ênfase, repetindo por duas vezes suas palavras (v. 4) que os objetivos continuam invariáveis: manifestar sua glória à custa de Faraó e de seu exército²⁶ poderoso, e se fazer conhecido no Egito.

situação do povo. Veja também JANZEN, *Exodus*, p. 101. DURHAM, *Exodus*, p. 192, afirma a inexistência do texto sobre o clamor de Moisés.

²⁶ Observa-se, no v. 17b-18, as repetições de “glorificação” que emoldura o objetivo do conhecimento: “serei glorificado em Faraó e em todo seu exército, *nos seus carros e nos seus cavaleiros*; e os egípcios saberão que eu sou Adonai quando *hei de ser glorificado em Faraó, nos seus carros e seus cavaleiros*”. Em relação à tradução dessa frase, a escolha da TOB (“Me glorificarei a custa de Faraó...”) *ad sensum qu’ad litteram*. Ainda, pode consultar (a *Bíblia de Jerusalém* ou SKA, *Le passage de la mer*, p. 11-12, ou a alternativa de Osty: “revelar minha glória contra Faraó”). Segond traduz mais literalmente a preposição “vangloriar-me contra Faraó”.

Outra vez, apesar do alvedrio do Faraó e dos arrependimentos de Israel, não obstante a convergência de interesses que ambos demonstraram, Adonai nada parece mudar tanto de seu objetivo inicial quanto da sua estratégia (tanto quanto se pode observar). Ele persiste, seguro de si, como se nada fugisse de seu controle, seja o poderoso exército que Faraó fez sair em perseguição.²⁷

Todavia, se seu objetivo não mudou Adonai não expõe como isso que concretizará. É importante lembrar que o leitor fica impressionado com o fato de que conforme o discurso de Deus, as peripécias da batalha aconteceram entre Ele e o Egito sem a colaboração de Israel. De acordo com o plano comunicado a Moisés, o povo deve agir como isca entrando “pelo meio do mar” para que os egípcios se precipitassem a seu encalço. E se Israel quando Moisés lhe pedir, se recusasse a cooperar com alternativa perigosa, precavendo-se contra aquele que o tirou do Egito para seu infortúnio (cf. v. 11-12)?

O próprio Moisés não lhe dissera que eles poderiam meramente assistir ao espetáculo de Adonai combatendo por eles? Por que agora ele iria lhes pedir para se arriscarem nas águas do mar? Afinal, se o leitor observa que Adonai persiste no seu projeto com determinação e confiança, permanecem suas dúvidas com relação ao desfecho dos acontecimentos, uma vez que o povo não respondeu a Moisés, e que apresentando sua estratégia, Deus não revela o que acontecerá quando o povo entrará pelo meio do mar.

Logo depois de sua fala, Adonai entra em ação antes de Moisés executar as ordens recebidas. Em seguida, Ele manifesta a preocupação com o “acampamento de Israel”, e nesse sentido parece reagir ao clamor do povo. Imediatamente após o grito de temor do povo consecutivo à chegada dos egípcios (v. 10b), operou-se o movimento de Adonai (v. 19). Enquanto isso, o narrador tem ponderado as palavras dos personagens: o clamor do povo, a resposta de Moisés, as recomendações de Adonai (v. 11-18). Essa longa seção em diálogo, ocorre no momento mais dramático para Israel e mais crucial do plano divino, retardando

²⁷ A repetição de palavras que descrevem o exército enfatiza o poder do mesmo, contudo, não pode resistir à Adonai. Nesse sentido SKA, *Le passage de la mer*, p. 99-100, apresenta o contraste entre a simples vara de Moisés e muitos carros e cavaleiros, uma arma sofisticada que ressalta o prestígio, mas também a força de ataque do exército real

significativamente o ritmo da narração. Essa demora, embora faça crescer o suspense, convida o leitor a olhar de perto a situação dos personagens (trata-se da salvação de Israel), mas também surpreende devido à firme determinação de Adonai, que nada parece afastar do projeto, mesmo sejam as incongruências dos protagonistas humanos.

Assim, a primeira ação de Deus, é de manter uma distância entre o povo e seus perseguidores. Trata-se do objetivo duplo do movimento do anjo de Adonai²⁸ e da coluna de nuvem, ambos revezando-se, deixando a vanguarda para fixar-se “detrás deles” (v. 19-20a).

A principal função desse movimento estratégico é de proteger os israelitas e, do mesmo modo acalmá-los, uma vez que esses últimos se apavoraram a vista de seus perseguidores egípcios (v. 10a). Entretanto, uma segunda função aparece entre as entrelinhas: uma vez que os dois grupos não podem se vincular, torna-se impossível aos israelitas voltarem nos braços de Faraó, regressando com ele para a terra da escravidão.

Também, uma vez que a proteção divina acalmou o medo que levou Israel a arrepender-se de ter deixado o Egito, não há mais pretexto para os israelitas desejarem retornar para esse país. Além disso, percebe-se uma segunda medida cujo efeito é de tranquilizar o povo: enquanto do lado egípcio, a coluna de nuvem acentuava a escuridão da noite, a luz brilhava para Israel, a fim de que os dois “acampamentos” sejam mantidos à distância um do outro (v. 20b).²⁹ Essas ações atribuídas a Deus têm como finalidade convencer Israel a concordar com Moisés que procurava apaziguá-los (“Não temais”): “Vereis o que Adonai fará hoje para vós salvar”.³⁰ Nesse sentido, conforme a ordem

²⁸ O mensageiro (“anjo”) de Adonai fez sua primeira aparição diante do povo (ver Ex 23,20.23; 32,34; 33,2; Nm 20,16), num momento crucial de sua libertação. Isso lembra ao leitor a primeira menção desse mensageiro em 3.2, que simboliza a presença de Deus. A respeito veja HOUTMAN, *Exodus*. Vol. 2, p. 267. Para alguns autores como FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 160, a dupla: o mensageiro - coluna explica-se pelo fato que o segundo elemento dá ênfase ao primeiro.

²⁹ As soluções para explicar esse texto bastante confuso, consultar SKA, *Le passage de la mer*, p. 17-18. A exemplo de alguns autores, ele concorda com a ideia já presente nas antigas tradições judaicas, segunda a qual a coluna de nuvem é tenebrosa do lado dos egípcios, mas luminosa para os israelitas. Nesse sentido, veja também, HOUTMAN, *Exodus*. Vol. 2, p. 228.

³⁰ Outra tradução, mais comum: “hoje a salvação de Adonai se realizará por vós.”

recebida Moisés estendeu a mão sobre o mar, enquanto Adonai fez soprar um vento causando o recuo do mar diante de Israel (v. 21). Para Israel, a vinculação entre o ato de Moisés e a separação do mar finaliza a credibilidade das palavras que acabara de ouvir. No mais, sem que Moisés lhes desse a ordem, eles entram pelo meio do mar – no mundo da morte – “em primeiro” sem que os precedesse a coluna de nuvem e de fogo, que agora atrás os separa dos egípcios (v. 22).³¹

A essa altura, a intriga não é mais sobre a atitude de Israel que optou ir para frente. Do mesmo modo, o leitor não pode razoavelmente alimentar dúvida sobre o destino final do povo. É por isso que o narrador, deixando os israelitas na sua caminhada, volta-se para os egípcios sem que Adonai tivesse “endurecido seu coração” (v. 17a), lançaram-se com todo seu exército na perseguição de Israel pelo meio do mar, como Adonai aguardava (v. 23).

Contudo, uma pergunta permanece: de que maneira Deus vai glorificando-se de modo que o Egito venha a conhecê-lo? Até agora, nada foi dito a esse respeito. A trama será de curta duração como conta o narrador que sem rodeios descreve como Adonai ataca o exército egípcio no campo em que se destaca: a guerra.

Sem surpresa³² alguma, nota-se que, Adonai por sua vez assemelha-se a um guerreiro que de tocaia aguarda o momento oportuno (v. 24a), para causar o terror nos acampamentos inimigos (v. 24b) e evitar que esses se retirem, ou seja, precisamente minar a eficácia dessa superioridade militar, a cavalaria suposta fornecer uma alta mobilidade as operações belicosas (v. 25a).³³

Portanto, surpreendido por esse guerreiro invisível que causa pavor, o Egito finalmente conhece Adonai como Aquele que combate a favor de Israel: “Fujamos da presença de Israel, porque Adonai

³¹ E a nuvem e o anjo ficaram detrás do povo, isso é, eles não estão nem precedidos e nem conduzidos por Deus.

³² Uma intervenção direta e concreta é inesperada, visto a posição privilegiada de Adonai, desde o início, como destacam FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 161-162. Mas, tal ingerência é necessária tanto para forçar o reconhecimento do Egito quanto para dispensar Israel de combater. Isso é verificado pelas palavras de Moisés nos v. 13-14.

³³ Percebe-se ao longo da narrativa, a ênfase nos carros (*rekeb*) e na superioridade que os mesmos deveriam garantir aos egípcios: v 6, 72, 9, 17, 18, 23, 26, 28 (e 15,1.19.21). No v. 25, o termo *mercabâ* (plural) é empregado (como em 15,4).

combate a favor deles contra os egípcios” (v. 25b), cumprindo desse modo as palavras de Deus (v. 4.18) e de Moisés (v. 14) – trata-se aqui de recurso estilístico baseado na ironia.

Uma vez que o Egito chegou a reconhecer Adonai, prossegue-se a execução dos últimos aspectos de sua estratégia, ou seja, eliminar os egípcios que tentaram em vão escapar, afundando os como chumbo no mar, quando conforme a ordem divina Moisés estende novamente sua mão sobre as águas agitadas (v. 26-28). Dessa forma, aparecem os olhos do leitor as estratégias utilizadas por Adonai para finalmente libertar seu povo de seus opressores.

A continuidade entre os três discursos proferidos por Adonai a Moisés demonstra claramente que, desde o início, Ele esquematizou a tática a ser praticada, embora o leitor venha descobri-la progressivamente.³⁴

1er discurso (v. 2-4)	2e discurso (v. 15-18)	3e discurso (v. 26)
Dize aos israelitas, que retrocedam e acampem (...) entre Magdol e o mar; diante de Baal Sefon (...). Vós campareis diante deste lugar, junto ao mar	Dize aos israelitas que marchem (...) que os filhos de Israel caminhem em seco pelo meio do mar	
	E tu, levanta a tua vara, estende a mão sobre o mar e divide-o	Estende a mão sobre o mar, para que as águas se voltem

³⁴ Esse modelo é adaptado a partir de outro, mais completo, analisado por A. Wénin, *L'homme biblique. Lectures dans le premier Testament*, Paris, Cerf, 22004, p. 87.

E eu endurecerei o coração de Faraó E este perseguiu os israelitas	Eu endureci o coração dos egípcios para que vos sigam	contra os egípcios
E serei glorificado em Faraó e em todo seu exército	E serei glorificado à custa de Faraó, de seus carros e de seus cavaleiros,	sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros
E os egípcios saberão que sou Adonai	E os egípcios saberão que sou Adonai, quando for glorificado à custa de Faraó, de seus carros e de seus cavaleiros	

A sequência dos fatos é elucidativa: por primeiro, trata-se de atrair por perto do mar os egípcios utilizando os israelitas como isca – e embora os fatos não acontecessem como planejados, o objetivo é alcançado; em seguida, armar uma emboscada separando o mar e, fazendo entrar Israel de modo que o exército há de segui-lo; por fim fechar o cerco contra esse inimigo muito seguro de si. Caso for necessário, precisaria reforçar a vontade (“coração”) do inimigo para perseguir os fugitivos – mas, isso não aconteceu, pois grande era a pretensão do Egito.³⁵

Essa estratégia, Adonai a implementou sem reserva, embora inicialmente, o Faraó não reagisse como esperado, e apesar da resistência de Israel devido ao pavor suscitado pela vista do exército egípcio que se lançou a sua perseguição. Com relação à maneira de proteger Israel e de impedir a retirada precipitada dos egípcios, é difícil não imaginar que o desfecho dos acontecimentos seria o fruto de uma improvisação, pois está estreitamente ligado com o conjunto das estratégias praticadas.

³⁵ Nesse sentido, veja também, DURHAM, *Exodus*, p. 198: “it becomes clear, Yahweh has orchestrated the entire sequence”.

Assim, a narração desse episódio é orientada para destacar o total domínio de Adonai sobre os acontecimentos. Além do mais, o leitor descobre o que significa para Adonai “ser glorificado à custa de Faraó e do Egito”: é manifestar o domínio que Ele é capaz de exercer no cerne dos acontecimentos históricos, com o intuito de impor sua lei de liberdade e de vida a uma potência escravizadora e letífera.

Finalmente, uma vez resolvido o destino dos egípcios, o narrador delinea o último elemento de tensão que ainda subsiste na narrativa: o futuro de Israel que entrou pelo meio do mar em seco quando as águas se dividiram. O que aconteceu com o povo quando Adonai levou ao fim seu projeto de glorificação ao usar Israel como uma isca, igual um rato para atrair o gato? Por meio de um flashback que relata a destruição do exército egípcio (v. 27-28), o narrador tranquiliza o leitor ao mencionar: “os filhos de Israel, porém, caminharam pelo meio do mar em seco; e as águas formaram como uma muralha à sua direita e à sua esquerda” (v. 29).³⁶

Essa passagem retoma claramente a sequencia da narrativa deixada em v. 22 que descrevia a entrada dos israelitas pelo meio do mar. Assim, a glorificação de Adonai “à custa de Faraó e de seu exército” é para os filhos de Israel a salvação definitiva,³⁷ tal salvação é confirmada pela vista dos cadáveres deitados do exército egípcio à beira-mar (v. 30). Afinal de contas, na retrospectiva dos acontecimentos, o povo reconhece a façanha de Adonai da qual ele é ao mesmo tempo testemunha e beneficiário, e, por conseguinte desperta nele o temor de Deus e fé, proclamados num cântico (14,31-15,1).

A perspectiva do leitor e o personagem divino

Com efeito, esse olhar sobre a evolução da tensão na narrativa mostra que o enfoque contempla os feitos de Adonai, que passo a passo age para refrear as reações humanas. Pois, embora pareçam escapar

³⁶ Veja SKA, *Le passage de la mer*, p. 116-117.

³⁷ Vários autores ressaltam a simbólica do nascimento apresentada nessa perícopa. Veja SKA, *Le passage de la mer*, p. 165-174 (cf. p. 172-174), e também WÉNIN, *L’homme biblique*, p. 98-99, e FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 161.

de seu domínio, elas dificilmente comprometem a concretização de seu plano: ser glorificado, mostrando declaradamente sua majestade na história, e se fazer conhecer aos egípcios que persistiram na recusa de reconhecê-lo.

A realização desse desígnio mostra a estratégia cuidadosamente elaborada e, mesmo que isso apareça gradualmente para o leitor, manifesta aos seus olhos a majestade de Adonai, exercida sobre os acontecimentos da história, os elementos da criação (vento, mar, nuvem, fogo), sobre os atores, os quais estão com plena capacidade no exercício da liberdade.

Certamente, por um momento, a realização desse projeto de libertação de Israel parece estar comprometida devido à tentação dos israelitas de voltar nos braços dos egípcios, que, por sua vez, ambicionam retomar seus antigos escravos. Mas, afinal, essas resistências humanas vão destacar ainda mais o poder de Deus que tudo suplanta.

Portanto, a narrativa é realmente focada na glória de Deus, procurando mostrá-la, tanto pela vitória sobre as forças da escravidão e da morte quanto pela salvação de Israel salvo não somente da escravidão, mas também de sua tenaz cumplicidade com o Egito, do medo que Faraó lhe inspira, e da morte simbolizada pelas águas do mar.³⁸

Para alcançar esse objetivo, o narrador utiliza uma metodologia pela qual revela ao leitor as indicações importantes do tecido da história, de modo a informá-lo sobre as principais etapas da trama. Mas, os personagens humanos percebem isso apenas no final do episódio -, uma vez que, sua perspectiva é muito limitada. Ao utilizar esse método, ele deseja que o leitor seja capaz de, no final, confirmar a declaração do Egito (v. 25b) e, a interpretação que Israel fez dos acontecimentos que vivenciou (v. 31) mediante as palavras que ouviu da boca de Moisés tentando tranquilizá-lo (v. 13-14).

Tal metodologia confere ao leitor uma posição significativa, fornecendo-lhe as informações privilegiadas, as quais não podem acessar nenhum dos atores humanos da narrativa – usualmente, isso é chamado de *artifício da onisciência*, um método típico da narrativa

³⁸ Sobre a salvação de Israel como libertação do medo consultar JANZEN, *Exodus*, p. 103.

de ficção. É utilizado aqui seja para descrever os feitos de Adonai e/ou fazer ouvir seus discursos, seja para evocar as ações dos personagens.

Desde o início da narrativa em. 13,17 b, o leitor tem acesso ao monólogo interior de Deus (que nem sequer pode ser ouvido por Moisés), que revela seu desejo de tornar definitiva a libertação de Israel e de impedi-lo do desejo que poderia de uma provável volta nos braços dos egípcios (cf. as ações divinas em 13,18.21-22).

Essa chave de leitura permite que o leitor perceba que em 14,1-2, Deus realmente “faz uma volta”, antes de manifestar tanto seu desejo de ser glorificado quanto de se dar a conhecer ao Egito (v. 4; cf v. 17-18). A existência dessa chave de leitura é a testemunha das palavras “privilegiadas” que Adonai proferiu a Moisés. Ele nota o quanto é importante para Adonai ver triunfar sua gloria perante todos, e, sobretudo diante dos inimigos de seu povo.

Além disso, o amplo conhecimento que lhe dá acesso aos discursos de Moisés o convida a compreender com precisão a sequência, isto é, a lógica da estratégia de Adonai elaborada em três etapas. Ele percebe claramente que Deus não age de forma aleatória, e que as inesperadas reações humanas não têm influência alguma sobre a estratégia elaborada no início. Afinal, tais discursos revelam ao leitor que Adonai está comprometido em confirmar a credibilidade do seu intermediário que tem contado com sua fé para comunicar-se com o povo.

Com efeito, observa-se o fato de Moisés associar-se diretamente (v. 16.26) na ação tanto espetacular como decisiva para a vitória, a ação sobre o mar, que os israelitas viram abrir-se e fechar-se diante deles quando esse estendeu sua mão sobre as águas (v. 21,27).

No fim da narrativa, o leitor constata que tudo foi bem sucedido, na medida em que, é em Moisés também visto como servo de Adonai, que os filhos de Israel depositarem sua fé (v. 31b), visto que o que ele anunciou (v. 13-14) realmente se verificou; veja o paralelismo destacado acima.³⁹

³⁹ Nesse sentido, veja a proposta de SKA, *Le passage de la mer*, p. 161-165, sobre “la sanction divine de l'autorité de Moïse”. Também, HOUTMAN, *Exodus*. Vol. 2, p. 229, ou VOGELS, *Moïse*, p. 165. Avec CHILDS, *Exodus*, p. 227, nota-se que essa fé em Moisés muda a atitude hostil do povo em relação a ele (v. 11-12).

Enquanto os personagens humanos, com exceção de Moisés, apenas veem fenômenos ocorrerem, a narrativa, revelando progressivamente as ações de Deus, oferece ao leitor a capacidade de perceber a razão principal. É Adonai que escolhe o caminho e conduz Israel por meio da coluna de nuvem e de fogo o qual o precede (17,18 A.21-22).⁴⁰

Também, foi Ele quem “endureceu o coração de Faraó, rei do Egito” (14,8), quando esse inicia a ação de perseguição contra os fugitivos. Essa intervenção, pois busca influenciar a pretensão humana; tal ação (parece desnecessária essa influência já que o Faraó optou pela perseguição, a menos que ela seja para suplantar o ímpeto desse rei imprevisível) mostra mais uma vez como Adonai decididamente quer ser glorificado à custa do rei e de seu exército. Deus, além disso, age por meio das forças da criação,⁴¹ a nuvem e o fogo (13,21-22; 14,19-20), o vento (v. 21) e o mar (v. 27-28).⁴²

No mais, é como o Deus da criação, e com o mesmo domínio que Ele intervém: faz brilhar a luz no meio da noite (Ex 14,20; cf. Gn 1,3-5), separa as águas com o vento e o mar tornou-se terra seca (Ex 14,21-22.29, cf. Gn 1,2.9-10),⁴³ estabelece a ordem no caos do mar, abrindo um caminho, confere J.-L. Ska, apresentando uma “perspectiva de leitura”.⁴⁴

Por fim, o narrador descreve em detalhes as ações imediatas de guerra que Adonai desencadeou no acampamento do exército egípcio semeando a confusão e o tumulto em suas fileiras, e retardando

⁴⁰ O leitor recebe essa informação: o povo buscará compreender sua experiência por meio da coluna de nuvem sinônimo da presença de Deus.

⁴¹ Veja a releitura de Sb 19,6-8: “Pois a criação inteira, obedecendo em sua natureza tomava novas formas para guardar incólumes os teus filhos. Viu-se a nuvem cobrir de sombra o acampamento, a terra enxuta emergir onde era água, o mar Vermelho convertido num caminho praticável e as ondas violentas qual planície verdejante; por ali passaram, como um só povo, os que eram protegidos por, contemplando prodígios admiráveis” (trad. *TOB*).

⁴² Sobre esse último ponto, a narrativa é clara: não é Moisés, que dividiu o mar, mas Adonai (v. 21), embora Deus lhe dissesse no v. 16 (“E tu levante a tua vara, estende a mão sobre o mar e divide-o”). DURHAM, *Exodus*, p. 196.

⁴³ A ligação intertextual é aqui confirmada pela utilização de um vocabulário específico comum. Veja principalmente o estudo de SKA, *Le passage de la mer*, p. 93-96 et 108. Nesse sentido também, veja, FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 159-160. MEYERS, *Exodus*, p. 115-116, por sua vez, sublinha que esses elementos conferem à vitória de Adonai uma dimensão cósmica ou mítica, aspecto que o poema vai desenvolver.

⁴⁴ Veja SKA, *Le passage de la mer*, p. 103-104 et 129-130.

sua fuga (Ex 14,24-25a). Tal intervenção da qual o inimigo percebe as consequências, leva esse último a abrir os olhos e a reconhecer Adonai como Aquele que combate contra ele. Isso permite ao leitor verificar que o que foi anunciado por duas vezes a Moisés (v. 4.18), de fato se concretizou (v. 25b).

Com relação aos protagonistas humanos, o leitor é igualmente “perambulado” de um campo a outro pelo narrador que tem uma visão de conjunto das ações. Devido à necessidade de manter a tensão narrativa – principalmente a trama, – percebe-se que ela preside num desenvolvimento rápido as sucessivas ações.⁴⁵ Assim sendo, passando de Israel para o Egito e vice-versa, o narrador procura destacar a ação de Adonai, revelando os movimentos essenciais dos personagens. Nesse sentido, ele faz distinguir dois momentos: por primeiro, ele apresenta a emoção ou sentimento e, em segundo ele o revela por meio de um discurso direto.

Nas duas primeiras vezes, ele enfatiza as reações cuja convergência sugere ao leitor que o desígnio divino poderia ser comprometido: num primeiro momento no v. 5, a reversão do “coração” do Faraó e seus dignitários, ilustrada por suas palavras de arrependimento (“Que é isto que fizemos, deixando Israel sair de nosso serviço?”, v. 5.); e num segundo momento, no v. 10, o imenso medo de Israel, que converteu-se em clamor a Adonai, e depois em censuras brutais contra Moisés (v. 11-12).

É preciso ressaltar que o fato de que as obstinações humanas sejam descritas, contribui a reforçar no leitor a percepção de total domínio de Adonai. No epílogo, pela terceira vez o narrador sonda os sentimentos dos personagens. Trata-se da profunda mudança vivida pelos israelitas à vista da façanha divina: em vez de entrar em pânico, Israel está cheio de “temor de Adonai”⁴⁶ e deposita sua fé nele, uma

⁴⁵ 13,17-14,4: Israel; 14,5-9: Egito; v. 10-23: Israel; v. 23-25: Egypto; v. 26-27a: Adonai e Moisés; v. 27b-28: Egito; 29-31: Israel (+ 15,1-21).

⁴⁶ A oposição entre os dois “medos” de Israel tem sido frequentemente enfatizada, bem como a transformação do medo ao temor (medo de reverência). O primeiro é notícia e uma lamentação, enquanto o segundo é sinônimo de fé, proclamada por um cântico. Veja, MEYNET, *Appelés à la liberté*, p. 48-49, ou JANZEN, *Exodus*, p. 100, et FISCHER & MARKL, *Das Buch Exodus*, p. 164-165.

dupla atitude interior positiva apregoada no cântico de Moisés e dos israelitas cantado por Maria e o coro das mulheres (15,1-18.⁴⁷20-21).

Conclusão

O percurso acima mostra como, na elaboração desse episódio essencial do êxodo, tudo contribui para enfatizar a glória de Adonai. Percebe-se que a arte narrativa buscou inteiramente a realização do projeto literário revelado por três vezes pelo próprio personagem divino: ser “glorificado à custa de Faraó e de todo seu exército”, v 4 e 17, com variante no v. 18: “de seus carros e de seus cavaleiros”). Ou seja, é a finalidade principal da “volta” feita por Adonai na fábula, e surpresa criada pelo narrador no início do capítulo 14 (por isso a opção de revelar os sentimentos e pensamentos de Deus na primeira frase da narrativa 13.17).

Assim, no estudo da trama, percebe-se que ela é organizada de maneira a mostrar que a presença ativa de Adonai é decisiva para cada momento crucial dos acontecimentos e que os fatos que aconteceram “na sua aparente ausência” por parte dos protagonistas humanos não têm influência alguma sobre a sequência das ações.

Da mesma forma, o recurso ao discurso direto – tanto por Adonai como pelos personagens humanos – busca em todos os casos fazer sobressair, direta ou indiretamente, o domínio completo de Deus, especialmente na condução de sua estratégia e na sequência dos acontecimentos.

Em relação à análise da tensão narrativa, destaca-se sucessivamente a ênfase sobre a intervenção de Deus que provoca a surpresa, sobre o novo projeto atribuído a Moisés e sobre a trama acentuada num primeiro momento pela grande ambição do egípcios, e em seguida dos israelitas; sobre o irrevogável desígnio Deus de concretizar

⁴⁷ Observa-se que no cântico, o povo interpreta apenas o acontecimento do qual ele é testemunha, isto é, sua experiência da ação divina: o afundamento dos egípcios no mar (15,1.4-5), o movimento das águas pelo vento (v. 8.10), a perseguição interpretada como ambição (v. 9), a libertação por Deus que o povo reconhece como um guerreiro valente (v. 2-3.6-7.11).

sua estratégia, até a trama terminar quando o Egito afundou como chumbo nas águas agitadas do mar depois de reconhecer Adonai, e quando a glorificação desse último é proclamada na forma de cântico de júbilo por Israel, um hino com o qual o leitor irá identificar-se espontaneamente.

Enfim, para que o leitor possa ter a clareza sobre a importância desse episódio e, sobre a efetiva atuação de Adonai nessa narrativa, o narrador constantemente afirma a absoluta onisciência divina em detrimento dos demais personagens humanos. Nesse sentido, o leitor é capaz de compreender a estratégia de Adonai a medida que esse último a materializa: o poder criativo que Ele demonstra na vitória sobre o inimigo e a garantia da salvação de seu povo, sua influência direta nos momentos cruciais da batalha (v. 19-21, 24-25, 27b), sua ação indireta na experiência de fé de Israel e na afirmação final de Moisés, pelo qual Ele cumpre as promessas feitas ao povo.

Bibliografia

- BARONI, R. *La tension narrative*. Suspense, curiosité et surprise (Poétique). Paris: Seuil, 2007.
- CHILDS, B. S. *Exodus*. A Comentary (Old Testament Library). London, SCM Press, 1974.
- FISCHER, G.; MARKL, D. *Das Buch Exodus* (Neuer Stuttgarter Kommentar Altes Testament 2). Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 2009.
- HOUTMAN, C. *Exodus*. Vol. 1. Kampen, Kok Publishing House, 1993.
- HOUTMAN, C. *Exodus*. Vol. 2. Chapters 7:14-19:25 (Historical Comentary on the Old Testament).
- JANZEN, J. G. *Exodus* (Westminster Bible Companion). Louisville, KY, Westminster John Knox, 1997.
- WÉNIN, A. *L'homme biblique*. Lectures dans le premier Testament. Paris: Cerf, 2004.
- KAMPEN. Kok Publishing House, 1996.
- MATHIEU, Y.; DIONNE, C. *Raconter Dieu*. Entre histoire, récit et théologie (Coll. Le livre et le rouleau n. XX). Bruxelles: Lessius, 2013.
- MEYERS, C. *Exodus* (The New Cambridge Bible Comentary). Cambridge: University Press, 2005.

- MIRGUET, F. *La représentation du divin dans les récits du Pentateuque*. Mediations syntaxiques et narratives (VTS 123). Leiden/Boston: Brill, 2009.
- SKA, JL. *Le passage de la mer*. Étude de la construction, du style et de la symbolique d'Ex 14,1-31 (109 AnBib). Rome: Biblical Institute Press, 1986
- VOGELS, W. *Moïse aux multiples visages*. De l'Exode au Deutéronome (Leia Bíblia 114). Paris: Cerf, 1998.